



AS VARIÁVEIS NO ASPECTOS DA LEITURA

Jordana Ogg Konopka¹

Orientador: Prof. Dr. Marcus Nascimento Coelho¹

Resumo

O presente artigo através de uma revisão bibliográfica discute duas das variáveis acerca do processo de alfabetização e do desenvolvimento da leitura. Lançando mão das teorias expostas por Bamberger(1995), Cordeiro (2007), Cosson (2007), Drouet (2002), Kato (1998), Luzia (2008), Meirer (2011), Perissé (2003), Villardi (1999) entre outros. A analisa em detalhes o trabalho de Gatti (2008) que demonstra como uma das explicações mais comuns para o fracasso na aquisição da leitura nos anos iniciais a condição socio econômica é supervalorizado e muitas vezes usado como desculpa para outras dificuldades, tal afirmação é corroborada por pesquisa empírica é pela análise dos dados provenientes do O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). Observa que a variável acadêmica se sobrepõe a todas as outras é tal variável se constitui em dois momentos que em sua interação dificultam o processo, são elas a falta de uma formação especificam para solucionar os desafios do dia-a-dia da sala de aula, bem como a falta de liberdade para estabelecer metodologias próprias. Conclui que enquanto as formações se fizerem de forma vertical não possibilitando ao professor alfabetizador um espaço democrático de troca de experiencias possa ele e seu grupo de trabalho realizar trocas de informação questões como a baixa capacidade de leitura nos seres iniciais irá ficar sem solução.

Palavras- chave: alfabetização, leitura, métodos, aspectos socioeconômicos, aspectos acadêmicos.

Introdução

A dificuldade de leitura e o entendimento do que se lê são alguns dos temas de maior relevância em toda a Educação Fundamental trazendo é claro consequências para o Ensino Médio. No mundo moderno letrado torna-se cada vez mais difícil a vida de um indivíduo que não possua essa proficiência e a escola é a instituição social responsável para que isto não ocorra.

Contudo, as escolas brasileiras se encontram, na maioria das vezes, despreparadas tanto para lidar com esta questão que, na verdade, não é uma questão, são várias questões que se sobrepõem, nas quais mesmos profissionais competentes se veem com dificuldade de discernir os vários motivos possíveis e suas intervenções. Esse é o objetivo principal deste, através de um levantamento bibliográfico, acerca do tema, dirimir quais os principais motivos para a dificuldade de leitura.

¹ Marcus Nascimento Coelho, formado em Ed. Física e Filosofia, professor universitário, com mestrado e doutorado em Psicanalise pela FATE.

Desenvolvimento

Uma das primeiras questões a serem apontadas quando se trata deste tema é a questão socioeconômica. Será que só as pessoas de baixa renda apresentam dificuldade de leitura? Antes de se falar em dificuldades específicas é pertinente falar em classes sociais? Parece que sim. Sabe-se que grande parte dos estudantes que abandonam, desistem e apresentam problemas de aprendizagem são oriundos das classes menos favorecidas, eufemismo elegante para pobre e é Rubens Alves que apresenta a melhor definição para classe social: “os possíveis e os impossíveis para meu corpo ... uma classe é uma forma social de se manipular o corpo” (Alves, 2004, p. 34)

O determinismo sociológico é sempre uma resposta fácil e cômoda, fácil porque não obriga uma reflexão: é assim que as coisas funcionam é assim vão funcionar e cômoda por que não obriga uma ação; já que são assim para que mudar?

Se a maior parte dos alunos com dificuldades de leitura são oriundos das condições de pobreza e a escola apenas é o reflexo desta sociedade, não pode mudar esta realidade, e se os alunos já vêm despreparados e desmotivados porque investir em novas metodologias? Na formação de novos professores? Valorizar o quadro gerencial já que o resultado é sempre o mesmo? Parece ser esta, inclusive, a visão do governo brasileiro quando beneficia o ensino universitário em detrimento do ensino fundamental. O Brasil gasta no ensino universitário mais do que o triplo das despesas com o ensino fundamental e médio². Investir naqueles que de alguma maneira sobreviveram as armadilhas de um fundamental e médio sucateado parece ser uma lógica perversa já que normalmente são os alunos da classe média que tiveram a sorte de nascer em uma família que podia e queria lhe dar uma educação de qualidade. Este tipo de raciocínio é contestado por duas fontes de dados.

O PISA, exame de proficiência internacional patrocinado pela UNO, em comunicação, matemática e ciência em cinquenta e sete países coloca o país em quadragésimo oito. Esta testagem é feita em estudantes de quinze anos, com uma amostra representativa entre colégios públicos e particulares e os dados são claros tanto os estudantes brasileiros das escolas públicas como das escolas particulares

² <https://educacao.uol.com.br/noticias/bbc/2017/09/12/estudo-brasil-tem-disparidade-entre-gastos-na-educacao-basica-e-superior.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso in 24.09.22

tem performances similares. Dados que derrubam a tese da diferença de qualidade do ensino e coloca em xeque TODO o sistema educacional brasileiro.³

Na outra ponta trabalhos de pesquisa de campo bem documentados apontam que boas práticas de ensino influenciam o desempenho de TODOS os alunos. A guisa de exemplo será analisado a pesquisa pela equipe MEC/BIRD. Co-autoria de Isabel de Assis Ribeiro de Oliveira, Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro apresentado Seminário Internacional “Construindo caminhos para o sucesso escolar”, junho de 2007, em Brasília-DF.⁴

Já na introdução a pesquisa corrobora a afirmação realizada nos parágrafos anteriores e acrescenta dois outros motivos: o primeiro diz da função principal da educação que é a de transpor a “armadilha” da pobreza, que com exceção da carreira artística ou atlética de alguns, a única via de ascensão social sempre foi a educação em qualquer tempo e em qualquer lugar e está se dá pelo próprio esforço, pela atenção dos pais e pela contribuição do Estado, o que vem a ser o objeto da pesquisa.

A partir dos dados da Prova Brasil e outros dados se buscou saber as práticas que a gestão municipal usava como forma de melhorar a qualidade da educação. Através de uma rigorosa metodologia de pesquisa foram visitados 50 municípios NE – Bahia, Pernambuco e Maranhão; SE – São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais; N – Pará; CO – Goiás; SUL – Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

A pesquisa revelou, também, a importância relativa dos recursos materiais disponíveis, se contrastados com recursos simbólicos, pelos quais se discernem caminhos alternativos para o aprimoramento do ensino. Em outras palavras, mesmo sem dinheiro a criatividade pode operar a favor do aprendizado. Não se trata aqui de minimizar a importância dos recursos materiais. O que se quer é o caráter relativo da limitação imposta por essa escassez. Mesmo em uma rede muito pobre, cujos resultados ficaram abaixo do esperado, a secretária verificou que, em um universo de 18 mil crianças, cerca de 10% tinham dificuldades extremas de leitura. Tomou então a iniciativa de criar o contraturno, projeto desenvolvido em parceria com a Faculdade de Letras local: um sistema de monitoria cujos graduandos foram treinados para atender 32 crianças, 16 em cada turno por duas horas, todos os cinco dias letivos da

³ <http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos>. Acesso in 24.09.22

⁴ Textos e conclusões do Seminário Internacional “Construindo caminhos para o sucesso escolar” realizado, de 24 a 26 de junho de 2007, em Brasília-DF, organizado por Inep, UNESCO, Consed e Undime. Disponível em: Construindo caminhos para o sucesso escolar / organizado por Bernardete Gatti. – Brasília : UNESCO, Inep/ MEC, Consed, Undime, 2008. 164p.



semana, por noventa dias. Ao final do projeto, 70% das crianças mostraram melhora significativa no processo de ensino-aprendizagem.

Para o tema desta pesquisa este dado é de extrema importância: com 180 horas de reforço 70% das crianças mostraram melhora significativa. Com certeza tão pouco tempo implica que estas crianças não possuíam nenhum problema cognitivo ou emocional simplesmente precisam estudar mais e melhor.

A pesquisa continua elencando as diversas particularidades de se realizar um bom trabalho educacional, cada um dos itens é discutido em profundidade: Liderança Administrativa, equipe central da SME, Compromisso dos professores com a educação, a gestão escolar, vínculo da SME com a comunidade, parceria com outros atores do município e de outros municípios, mas para os limites desta pesquisa será priorizado o Apoio e acompanhamento das escolas.

Fica claro que os municípios que conseguem melhores classificações têm um departamento especializado para detectar e acompanhar crianças com problemas de aprendizagem.

A presença dessa(s) pessoa(s) produz uma diferença significativa no aprendizado, pois acompanha(m), com fichas de avaliação, os avanços e dificuldades demonstrados; tais anotações permitem que os pedagogos fiquem bem fundamentados para conversar com os professores e procurar, com eles, desenhar as estratégias a serem adotadas para cada aluno. Um processo de avaliação permanente traz benefícios particularmente para os alunos que precisam de atenção adicional ou diferenciada. Também traz para a escola um clima e mística de trabalho, em que a avaliação e aprendizado assumem um lugar central nas atividades da escola. (Gatti, 2008, p. 81)

Estas duas visões convergem para uma afirmação clara: os alunos oriundos de uma classe social “economicamente desfavorecida” encontram-se em uma situação de risco, mas não são por si alunos com necessidades especiais, porém são alunos que apresentam dificuldade e que neste caso um atendimento digno por parte do poder público é capaz de reverter este processo.

Outra discussão que se pode observar quando a dificuldade de Aprendizagem da leitura é o meio em que este aluno está inserido. Será que por um ambiente que estimula a leitura faz com que este aluno seja também um leitor?

Segundo Benveniste

Estabelecendo o homem na relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade. Partindo deste pressuposto, afirma-se que a linguagem só



é possível acontecer na interação dos homens e na sua relação com a natureza (o meio social em que vivem). (BENVENISTE, 1976, p. 31)

O desenvolvimento humano é fruto da influência das experiências dos indivíduos com o meio, mas cada um tem significado particular a essas vivências, construindo seu próprio conhecimento. Nesse sentido, as estratégias para um bom aprendizado na leitura devem vir acompanhadas de aspectos complementares como o fato de sentir-se capaz de ler. Para tanto, o professor precisa gostar de ler e ter consciência de que tem um papel fundamental enquanto profissional na estimulação da leitura, na indicação de títulos conforme a faixa etária, e o interesse de seus alunos.

Partindo desse pressuposto, os alunos desde muito cedo, devem ser incentivados à prática da leitura, principalmente em função dos benefícios que podem ser gerados para a sua formação pessoal. Hábito de leitura é um processo que deve ser acompanhado pela família, e introduzido pelas escolas durante a alfabetização, quando elas estão aprendendo a ler e escrever.

Em geral, as dificuldades de leitura e escrita conduzem a outras dificuldades de aprendizagem. “As crianças que não conseguem aprender a ler e escrever acabam por fracassar nas outras disciplinas escolares que implicam no conhecimento da linguagem” (DROUET, 2002, p. 126).

Endossando a afirmação de Drouet (2002), é importante registrar que os problemas de leitura e escrita, apresentados por alunos, acabam prejudicando a aprendizagem de toda a turma, o que dificulta ao professor desenvolver o programa próprio para essa etapa, ocasionando uma defasagem geral da turma.

O ato de ler ultrapassa o espaço escolar, alcançando os eventos reais do cotidiano humano, associando a vivência concreta com conteúdo didáticos, favorecendo a emergência de um novo ser, sujeito do ato de ler, apto na compreensão significativa profunda dos textos com que se defronta, capaz de reconstruí-los e reinventá-los. Está além da simples decodificação de códigos e símbolos linguísticos, ou da repetição inexpressiva de postulados literários ou ainda de uma simples prática de memorização, mas representa um processo contínuo de abstração dos fenômenos circundantes ao ser (FREIRE, 2001).

Para que a aprendizagem da leitura ocorra de forma efetiva será necessário que a escola, e todos os personagens envolvidos mobilizem os alunos internamente, mostrando a eles que a leitura é interessante, e desafiadora, e que a sua conquista plena lhe dará autonomia e independência.



Não se faz uma leitura apenas por fazê-la, mas é preciso que se procure interpretar o que se está lendo somente assim, será possível se transformar num leitor crítico. Não se devem ater apenas as obras literárias, mas também fundamentar o conhecimento, através das informações obtidas nos mais diversos escritos. Tendo em vista que a preocupação maior do indivíduo é a sua formação pessoal e intelectual, ele deve buscar na leitura, uma oportunidade de vencer suas dificuldades.

Bamberger afirma que:

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo (BAMBERGER, 1995, p.11)

Fazer anotações, dialogar e trocar ideias com leitores que tenham lido a mesma corresponde a ações que promove essa formação. A releitura de uma obra contribui profundamente para o seu entendimento. Que venham romper e, depois, ampliar esse “horizonte de leituras”. Como reforça Rildo Cosson:

Crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (COSSON, 2007, p. 35).

Deduz-se que a leitura deve ser intensiva, causando no leitor um efeito de aprendizagem. Por essa razão, atribui-se a ideia de que a leitura deve atuar no campo de formação dos leitores, inclusive dos leitores acadêmicos, que buscam nela uma solução para desenvolver melhor seu trabalho na universidade. E conseqüentemente, o efeito produzido pela leitura deve ser aquele que lança adiante, a conquista de uma boa aprendizagem, pois o que vale nesse momento é a qualidade de boas leituras e não a quantidade. Kato sobre o assunto, observa que a leitura será bem-sucedida a partir do momento que aquele que lê entende o escrito:

A leitura é bem-sucedida se o que o leitor compreende é aquilo que o redator pretende comunicar; a escritura é bem-sucedida se o redator consegue traduzir suas intenções ilocucionárias, proposicionais e perlocucionárias de forma que o leitor possa recuperá-las sem dificuldade. (KATO, 1998, p. 97)



Kato diz que o leitor precisa compreender o que se pretendeu comunicar na redação do texto, bem como há a necessidade de que o redator consiga traduzir suas intenções de forma que possam ser recuperadas facilmente pelo leitor.

Para que a leitura seja bem-sucedida, e aquele que lê absorva as informações contidas no texto é preciso que o leitor compreenda aquilo que o redator pretendeu comunicar.

Faulstich (1995) explica que para que o leitor se informe é necessário que haja entendimento daquilo que ele lê. Esse entendimento é verificado à medida que as informações apreendidas no texto serão refletidas na vida e em prováveis textos escritos por esse leitor.

Assim, a interpretação textual é imprescindível para que o leitor consiga absorver as informações necessárias à elaboração de seu texto, caso tenha essa intenção.

Para tanto, Perissé diz:

Um leitor treinado cujos olhos foram treinados para ler o que há de melhor, forma seu senso crítico, sua capacidade de pensar o mundo, e, sobretudo em termos práticos, qualifica-se para escrever melhor, para escrever textos que valham a pena ser lidos do ponto de vista da forma e do conteúdo, e que dêem, afinal, a necessária continuidade à tradição cultural de que se beneficiaram. (PERISSÉ, 2003, p. 91)

O leitor que foi instruído a ler o que há de melhor consegue formar seu senso crítico e assim qualifica-se para escrever bons textos. Essa apropriação se dá através da leitura, visto que ao ler o indivíduo poderá reter para si às informações contidas no texto, tanto na estrutura, quanto no que se refere ao conteúdo. Para Barbosa a leitura é questão principal para o indivíduo construir seu conhecimento, como escrito abaixo:

A questão da aprendizagem da leitura é a discussão dos meios através dos quais o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita, e desse modo, produzirá ele também conhecimento. (BARBOSA, 1994, p. 28)

O autor diz que através da leitura o indivíduo pode ir construindo seu próprio conhecimento, pois terá acesso ao conhecimento que outros construíram por meio da escrita, e além de obter conhecimento a partir da leitura poderá também produzi-lo através de textos escritos sobre o que ler. Quando se trata do processo de formação do leitor, como, por exemplo, apontou José Mindlin, em *No mundo dos livros*:



[...] a leitura é um mundo de liberdade intelectual. É quase irrelevante que as primeiras leituras tenham, ou não, a assim chamada “qualidade literária”, embora obviamente quando a tiverem será preferível. A seleção vem com o tempo, o importante é que as pessoas adquiram o hábito de leitura. (MINDLIN, 2009, p. 17).

Logo, para se reformular o tema do estímulo à leitura e formação do leitor antes é fundamental

Compreender que a leitura é necessária à nossa formação crítica e humanista e refletir sobre a crise da leitura como uma crise mais ampla da sociedade brasileira, que se esgarça em políticas públicas sociais ainda frágeis e insuficientes para superar diferenças tão abissais. (CORDEIRO, 2007, p. 57)

Concebendo a leitura como esse exercício social, que permite o ampliação do senso crítico e da autonomia. Como se não bastasse tudo o que até agora foi apontado como importante para a formação do leitor, ainda é possível afirmar que o desenvolvimento da leitura se relaciona também com a ascensão profissional.

Luzia de Maria, no livro *Leitura & Colheita*, já apontava, em 2008, que as empresas contemporâneas precisam de funcionários com ótimo desempenho de leitura para que estes possam ir além do trivial no desempenho de suas funções, que estejam preparados para interagir com novas situações e prontos para tomar decisões com habilidade.

Para reforçar essa ideia de bom desenvolvimento do nível de leitura atrelado ao sucesso profissional, o resultado de um estudo realizado pela Universidade Oxford, apresentado em abril de 2011, mostrou que existe sim uma evidente relação entre leitura e ascensão profissional.

Conduzida pelo americano Mark Taylor, do departamento de sociologia, a pesquisa ouviu 17.200 pessoas nascidas em 1970. [...] A leitura se revelou o único fator que, de forma consistente, esteve associado à ascensão profissional. Para as mulheres, a chance de ter um cargo mais elevado cresce de 25% para 39% quando leem; para os homens, de 48% para 58%. Nenhuma outra atividade – cinema, esportes, visitas a museus e galerias – teve impacto significativo. [...] E vale enfatizar: a pesquisa centrou-se na leitura extracurricular. Ou seja, o livro lido por prazer – e não porque foi exigido em uma disciplina escolar – é o que realmente conta. (MEIER, 2011, p. 104)



Espera – se em todo esse efeito para a formação do leitor, pois cabe a cada seguimento tanto escola, família, Estado e sociedade, o devido incentivo a este gosto pela leitura. A escola tem um papel fundamental nessa ação de formação do leitor, ainda que tardio:

É mais fácil tornar a leitura um hábito, claro, quando ela se inicia na infância. Mas qualquer idade é boa, é favorável, para adquirir esse gosto. Basta sentir aquela comichão do prazer, e da curiosidade – e então fazer um esforço, bem pequeno, para não se acomodar a uma zona de conforto, mas seguir adiante e evoluir na leitura. (MEIER, 2011, p. 101).

Neste panorama essa importância que a leitura tem no desenvolvimento do sujeito enquanto cidadão. E, que as dificuldades de aprendizagens sejam vistas como um desafio para que toda a Comunidade Escolar se movimente e não fique no comodismo.

Ao observar os significados da leitura, percebe-se que estes significados, estão interligados nas atividades de aprendizagem desta, que é um problema real e frequente nas escolas. É necessário se fazer uma reflexão sobre métodos para o ensino e aprendizagem da leitura pois ler não é apenas decodificar símbolos, como já dito entretanto, vai muito além disso, como aponta Raquel Villardi:

Ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania. (VILLARDI, 1999, p. 30)

Qualquer método, para seja eficaz, deve ter ele subjacentes hipóteses claras sobre a natureza do objeto a ser aprendido, e sobre a natureza da aprendizagem desse objeto.

Neste sentido, afirma-se que não existe um método certo ou errado. O que existem são métodos (caminhos) mais ou menos adequados às capacidades individuais, aos contextos culturais, as opções ideológicas e até religiosas.

O que se pode acrescentar é que existem alguns princípios metodológicos, universalmente consagrados pelo seu embasamento científico, que levam a melhores resultados. Esses princípios, não podem deixar de ser considerados no processo da aprendizagem da leitura e da escrita, se a linguagem enquanto fenômeno social for observado, como parte necessária da vida dos seres humanos.



O processo mais importante de uma metodologia de leitura na formação de leitores é conhecer as estratégias de leituras. Conforme Palácios (1995, p. 100) “a leitura não é uma atividade simples muito pelo contrário, exige uma coordenação de uma ampla variedade de atividades, cada uma das quais é em si mesma, complexa”. A leitura é de fundamental importância para o desenvolvimento do intelecto humano. Quem lê tem muito mais facilidade para falar em público, escrever, viajar, enfim, tornar-se mais ágil.

Sem dúvida que a busca de conhecimento pode e deve ser medida pela leitura de determinados textos, porém, o ato pedagógico vai exigir muito mais do que isso. Essa é a paisagem que se conseguiu desenhar no intuito de retratar as percepções sobre o lugar e a presença da leitura na escola.

Os professores precisam refletir sobre seus atos e suas responsabilidades, principalmente, quanto ao uso constante de produção de leitura na escola e das exigências necessárias à convivência numa sociedade democrática, onde o controle autoritário do comportamento das pessoas não pode e não devem mais existir.

Desse modo, a falta de aplicação de textos adequados como forma de incentivar a prática de leitura nos alunos, implica no não desenvolvimento dessa prática.

Por ser um instrumento de aquisição, transformação e produção de conhecimento a leitura, acionada de forma crítica e reflexiva dentro e fora da escola, ergue-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar às pessoas e aos grupos sociais à realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida. Por isso mesmo, considerando as contradições presentes na sociedade, uma concepção de leitura não pode deixar de incluir movimentos da consciência, voltados ao questionamento, à conscientização e à libertação.

Tem-se de buscar técnicas de leitura a partir das dificuldades existentes no processo ensino-aprendizagem, isto é, da realidade concreta das escolas e das necessidades dos alunos.

Orlandi (1996, p. 26) confirma que a “a leitura é um dos mais seguros instrumentos de progresso intelectual. E é o elixir que impede os homens de transformar-se em animais”. Conforme o autor, a leitura faz a diferença, pois, indivíduos que tem a leitura como prática, estão mais preparados para construir o senso crítico, assim sugerindo novas ideias, facilitando, portanto, a sua convivência



permanente em uma sociedade mais justa e para desenvolver novas teorias e estudos sociais benéficos para a sociedade como um todo.

Considerações finais

Aprender a ler não é só uma das experiências da vida escolar é uma vivência única para todo ser humano. Cabe à escola, em meio a tantas mudanças tecnológicas e sociais, estimular a leitura, melhorar as estratégias, principalmente de compreensão da leitura um dos principais problemas. Como demonstrado inicialmente as condições socioeconômicas apesar de relevantes não são aquelas que poderiam explicar as dificuldades que apresenta a proposta educacional brasileira em entregar um leitor proficiente à esta mesma sociedade.

Os autores mencionados no texto parecem concordar que a falta de estratégia na abordagem da questão é um dos elementos chave. Esta falta de estratégia acontece tanto pela multiplicidade de enfoques o que de certo modo seria válido, já que as salas de alfabetização apresentam um multiculturalismo marcado pela apropriação e uso ou não dos terminais de computador, celulares mais especificamente, muito mais pela falta de orientação e engessamento pedagógico dos seus atores principais: os professores. Falta a tais profissionais treinamento específico para tirar de cada proposta de alfabetização o melhor que cada uma tem a oferecer e concatená-la os seus próprios desafios bem como uma linha de ação de utilize os processos midiáticos em fazer deste processo. Se por um lado falta treinamento específico para tais questões sobre intervenção pedagógica das diversas secretárias com a aplicação de projetos alienígenas que não agregam em nada ao desafio da alfabetização estas continuas solicitações deixam pouco espaço para, como mencionado, a reflexão e desenvolvimento de estratégias específicas que só podem ser desenvolvidas em um trabalho de equipe entre os elementos da unidade escolar ou de unidades semelhantes, se esta simples pratica de trabalho em grupo fosse desenvolvida ao invés de formações “verticais” com os especialistas apresentando esquemas e solicitações prontas parece mais eficaz formações “horizontais” onde os professores que estão diretamente envolvidos na questão pudessem por exemplo estabelecer quais os textos adequados para cada caso. Não preocupados em concretizar métodos e projetos, mas buscando e criando seus próprios métodos para



atingir os elementos estratégicos que são neste caso: criar um público leitor eficaz e eficiente.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender** - Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6ª ed. - São Paulo: Ática, 1995.
- CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo. Contexto, 2007
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2007.
- DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem**. Editora Ática. 4ª Ed. São Paulo, 2002.
- FAULSTICH, Enilde. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina**. Revista Ciência da Informação, Brasília: MCT/CNPq/IBICT, vol. 24, n. 3, p. 281-287, set-dez 1995.
- GATTI, Bernardete A. **Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década**. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- LUZIA, de Maria. **Leitura e Colheita. Livros, Leitura e Formação de Leitores**. Editora : Vozes; 1ª edição (1 janeiro 2008)
- MEIER, Bruno. **Uma geração descobre o prazer de ler**. Veja, edição 2217, ano 44, n. 20, p. 98-108, 18 maio 2011.
- MINDLIN, José. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- ORLANDI, Eni, P. **Análise de Discurso**. Pontes. 1996
- PERISSÉ, Gabriel. **Leitura observável**. Notandum 13 <http://www.hottopos.com/IJI> – Univ. do Porto - 2003
- VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

Sites consultados

<https://educacao.uol.com.br/noticias/bbc/2017/09/12/estudo-brasil-tem-disparidade-entre-gastos-na-educacao-basica-e-superior>. Acesso in 24.09.22

<http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos>. Acesso in 24.09.22

Textos e conclusões do Seminário Internacional “Construindo caminhos para o sucesso escolar” realizado, de 24 a 26 de junho de 2007, em Brasília-DF, organizado por Inep, UNESCO, Consed e Undime. Disponível em: Construindo caminhos para o sucesso escolar / organizado por Bernardete Gatti. – Brasília: UNESCO, Inep/ MEC, Consed, Undime, 2008. 164p.